

MALBA TAHAN

O HOMEM QUE CONTAVA HISTÓRIAS DE UM PAÍS QUE NÃO CONHECEU

UM homem de muitas facetas e, para cada uma delas, um nome. Como professor, Júlio César dava aulas de literatura infantil no Instituto de Educação. Na Escola Nacional de Arquitetura, era o catedrático Mello e Souza. Assinando contos em jornais cariocas, preferiu, durante algum tempo, o pseudônimo Melusa. Mas, em casa, para a ex-aluna Nair, com quem foi casado durante 50 anos e teve três filhos, era apenas o Júlio, cujo retrato divide hoje com os dos filhos, netos e bisnetos as paredes do apartamento do Flamengo.

Agora, com o pseudônimo que popularizou através de quase 100 livros de lendas e histórias árabes e de contos de matemática recreativa, ele reaparece esta semana nas prateleiras das livrarias. A Record acaba de lançar o primeiro livro, considerado a obra-prima de Malba Tahan. O Homem que Calculava, na sua 26ª edição (os direitos antes pertenciam à Conquista), traz desta vez ilustrações da tradução espanhola, editada em Barcelona em 1972, dois anos antes da morte do autor — após um curso para professoras em Recife.

E até o final do ano terão sido lançados outros três livros de Júlio César de Mello e Souza, o Malba Tahan: Mil Histórias Sem Fim (dois volumes), Mak Tub (o Assim Estava Escrito, do Corão) e Lendas do Povo de Deus. O próximo ainda não está programado, mas sabe-se que terá ilustrações do estudante de Belas Artes, Marcos Mello e Souza, neto do autor. A Record explica esta iniciativa, afirmando que são livros que não podem ficar fora do mercado.

Em 1939, Monteiro Lobato escreveu para Tahan dizendo que havia lido e relido O Homem que Calculava e achava-o uma literatura indispensável. Como duas ou três gerações leram demais Malba Tahan, a editora encara este livro como clássico da literatura diz — Elia Etel, da Record.

Livros que ele escrevia, ininterruptamente, mas sempre com os pés sem sapatos e meias ("Eu brincava com ele dizendo que sua inspiração vinha da sola dos pés que esfregava constante um no outro", relembra D. Nair) e assinava com um pseudônimo árabe: Malba (moleiro) Tahan (uma cidade árabe). Arábia que ele contador de suas histórias, sonhou em conhecer, mas onde jamais colocou os pés. Tudo o que sabia ("ele conhecia as cidades, bairros, ruas") vinha dos livros e das aulas que tinha com um amigo árabe.

— Nunca foi convidado para conhecer a Arábia. E não tínhamos condições de ir por nossa conta — diz D Nair recordando que, embora dando aulas e fazendo conferências em todo o país, quando o marido era vivo a condição financeira da família era pior do que hoje. Ele recebia Cr\$ 2 mil por palestras que enchiam auditórios e, às vezes, até a rua próxima ao local.

Mas quando começou a escrever suas histórias ("como aluno do Colégio Pedro II, ele já fazia um folheto literário") Júlio César de Mello e Souza — nascido no Rio, mas com infância passada em Queluz, São Paulo, ainda não era Malba Tahan. D Nair, no seu apartamento de cobertura com 17 metros de jardim, recorda o início da carreira do marido a quem acompanhou sempre, assim que os três filhos ficaram cretulos.

Logo que se casaram, ele começou a escrever histórias e levou algumas ao Correio da Manhã. Uma semana depois voltou ao jornal e viu seus contos no mesmo lugar onde deixara. Voltou para casa e começou a pensar: se assim não tivera sucesso, sobre o que deveria escrever para ter seu trabalho publicado? Foi aí que surgiu o Oriente, terra das lendas e das histórias.

— Com a ajuda de um amigo árabe, ele modificou os nomes das pessoas e os lugares e levou os contos para o jornal, dizendo que descobrira um autor árabe e fizera algumas traduções. No domingo seguinte, seu conto estava estampado na primeira página do Correio da Manhã — recorda D Nair.

Somente com a publicação de seu primeiro livro — O Homem que Calculava — é que nasceu Malba Tahan. Mas o surgimento do contador de histórias em nada prejudicou a atuação do pedagogo que deu cursos para professoras em mais de

50 cidades do interior ou do professor que fez conferências em 100 localidades diferentes. Ainda assim, dedicava-se a ajudar os hansenianos (fundou a revista Damíão que cuidava da reintegração social destes doentes).

D. Nair lembra-se de um fato que impressionou bastante o marido e que, de alguma forma, explicou seu interesse pelas histórias árabes e pelos hansenianos.

— Ele não tinha religião, mas gostava muito de conhecer todas elas. Uma vez foi a uma sessão espírita e lá disseram que, entre as pessoas que ali estavam, havia um árabe que fora felá (escravo) e morrera de lepra às margens do Nilo. Isso o deixou muito impressionado, pois se dedicava tanto ao serviço da lepra, carregando até crianças doentes no colo.

Hoje, pensando em tudo o que o marido fez, D. Nair acha que o seu lado mais forte era o de pedagogo (gostava demais de ensinar). Mas concorda também que a grande herança deixada foram os livros ("Ele dizia: "Vença sem pombo, vitória é palavra". Realmente, seus livros são de idéias elevadas, cristãs, morais, filosóficas").

— Como professor de matemática, achava que a matéria era tratada como um tabu para as crianças. Mas para os alunos dele, era uma coisa simples quase uma brincadeira. Houve uma época em que juntou a literatura e a matemática escrevendo livros recreativos.

No espólio, guardado com zelo por seu filho mais velho, Rubens Sérgio, existem três livros prontos e inéditos. Um dicionário de matemática, um livro sobre pesos, medidas e moedas, e um, intitulado Maria, Maria, Maria, onde reuniu tudo o que conhecia sobre este nome em quatro volumes. Depois de longa luta na Justiça com a editora, conquista que durante 30 anos lançou os livros de Malba Tahan, D. Nair, em vez de estourar champanha pela reedição das obras do marido, prefere lembrá-lo.

— Quando saía um livro seu, deitava-se no divã e ficava longas horas examinando um exemplar. Dizia que estava lambendo a cria.

CLEUSA MARIA

Carlos Hungria



Dona Nair, lembrando o marido tendo nas mãos um de seus melhores livros, já na nova reedição

— Combatia as complicações que as professoras de matemática introduziram no ensino desta matéria (o tal de "algebrismo", como ele chamava). E considerava como ápice de sua inventividade didática o chamado Caderno Controlado: cada aluno transcrevia tudo o que era dado em aula num caderno que o próprio aluno ilustrava, estabelecendo concursos na classe.

E recorda mais:

— Os professores se apaixonavam por seus cursos, pois eram verdadeiros espetáculos de criatividade e bom humor. Um dia, ele me mostrou sua carreira de identidade com o pseudônimo que adotou para escrever as lendas árabes. Era um homem generoso, bom e extremamente sentimental.

O professor Lauro de Oliveira Lima ficou especialmente comovido com Malba Tahan, quando, em 1974, casado ("Os amigos se afastaram de mim"), foi convidado pelo escritor para um almoço na ABI.

— Não tínhamos nada para conversar, nem sequer éramos amigos íntimos. Ele queria apenas dar um testemunho. Creio que ficará pouco de sua didática, por sua didática era ele próprio. Acho que seu nome ficará como o contador de lindas histórias e como lembrança de um homem cheio de generosidade.



Júlio César de Mello e Souza, ou Malba Tahan, ou Melusa. Um escritor de vários nomes e muitos talentos, com cujos livros o público poderá se reencontrar agora

Sears

SEM PRAZO E MENSURADO EM 3 PAGAMENTOS MIAIS SEM JUROS

Aproveite este preço!

Conjuntos de malha para meninos e meninas, em vários modelos, com mangas curtas, cavadas ou tipo regata. Estampas frontais em diversos padrões. Cores atuais. Tam.: 2 a 8.

Preço Baixo é Sears!

Cr\$ 3.600,

cada conjunto

www.malbatahan.com.br

Aproveite este preço!

Satisfação Garantida ou Seu Dinheiro de Volta!

Botafogo BarraShopping

UM GENEROSO "SHOWMAN" DA PEDAGOGIA

O criador da Escola Chave do Tamarão, professor Lauro de Oliveira Lima, lembra que teve a "ventura" de conhecer Malba Tahan, e com ele conviveu entre 1960 e 62, nos cursos CADES que davam juntos pelo país afora, por conta do Ministério da Educação.

— Era o showman da pedagogia. Popularizou a matemática em livros deliciosos, usados ainda hoje na Chave do Tamarão, por exemplo. Suas aulas de didática eram um verdadeiro espetáculo, apesar de ser um empirista que inventava sua própria didática, sem preocupações teóricas — diz o professor.

Em suas recordações permanece viva a imagem do homem que adorava dar o curso de Arte de Contar Histórias ("Ele era o próprio modelo").